

Memória de Sartre

por Mário Soares

Passa este ano o centenário do nascimento de Jean Paul Sartre, vinte anos após a sua morte. Trata-se de um grande escritor francês, que deixou uma obra vastíssima e poliforme, traduzida em todas as línguas. Foi, ao mesmo tempo, filósofo, romancista, dramaturgo, jornalista, crítico, ensaísta e um polémico intelectual engagé - como se dizia então - na defesa das mais variadas e generosas Causas e da Revolução que, de resto, procurou encontrar em vários países e situações diferentes. A sua voz e o seu pensamento repercutiram na cena mundial, deixando um rasto de polémicas e interpretações diversas, desde os anos finais da II Grande Guerra até à sua morte.

Ouvi falar de Sartre, pela primeira vez, logo após a guerra, quando era jovem estudante de Histórico-Filosóficas e os jornais apontavam Sartre como o "Papa do existencialismo". Seguindo nessa altura, um pouco, a "cartilha marxista", o ensaio de Sartre "o existencialismo é um humanismo", que li anos depois, não me impressionou - devo confessá-lo - por aí além. O ensaio de Sartre seria, em 1961, publicado em português, pelo escritor Vergílio Ferreira, de quem fui amigo, com um excelente estudo introdutório do próprio, intitulado "Da fenomenologia a Sartre" em que apresentava Sartre, sobretudo, como um divulgador de grande talento do existencialismo, doutrina que teve as suas referências principais nos filósofos alemães Husserl e Heidegger, colaborador do nazismo e, depois da guerra, no francês Merleau-Ponty, colega de Sartre, como Raymond Aron, na célebre Escola Superior da Rue d'Ulm.

Quando fui, pela primeira vez, a Paris, em 1950, vi Sartre, pessoalmente, embora não lhe tenha falado. Nessa altura, estava em cena a sua célebre peça, "Les mains sales", que os comunistas combatiam furiosamente nas "Lettres Françaises", que eu me recusei, por isso, a ver, pecado indisciplinável mais tarde redimido por sucessivas leituras...

Passaram os anos e os tempos mudaram. De 1970 a 74 estive, como se sabe, no exílio, em França. Fui professor na Sorbonne - Paris IV, tendo como "patrão" o grande lusitanista Paul Tesson e também na Universidade da Alta Bretanha, de Rennes, onde ia todas as semanas. De regresso a Paris, chegava no começo da noite, à Gare de Montparnasse e ia habitualmente jantar à "La Coupole", um conhecido e popular restaurante da Rive Gauche, frequentado por artistas, escritores, intelectuais e por muitos turistas que gostavam de os observar. Aí vi muitíssimas vezes Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir, sozinhos ou com a sua côrte, podendo observá-los e mesmo ouvi-los, nas vezes em que tive a sorte de encontrar uma mesa próxima...

Eram na altura dois "monstros sagrados". A sua conhecida ligação, que voluntariamente nunca se concretizou em casamento, era apresentada, pela liberdade em que se movia, como um modelo para o futuro. Livros publicados depois da morte de ambos, de algumas das suas "vítimas", demonstrariam não ser um modelo tão perfeito como isso.

Sartre já tinha, nessa altura, um longo percurso, tendo sido director da revista "Temps Modernes" que tantas vezes li, com extrema voracidade, para acompanhar as polémicas do tempo e publicado imensos livros, extremamente importantes, como : "La Nausée", saído antes da guerra, "L'être et le Néant", "Les chemins de la liberté", "Les mots", etc. Tinha recusado o prémio Nobel da literatura. Enquanto Simone de

Beauvoir tinha feito sair "Les Mandarins", que devorei com extremo interesse, quando cheguei a Lisboa, porque retratava com impressionante nitidez as personalidades do meio em que se moviam e as polémicas, conflitos e amores em que se envolveram. Bem como "Memoires d'une jeune fille rangée" e "Le Deuxième Sexe", que marcaram sucessivas gerações.

No plano das suas posições políticas, que acompanhei de perto, Sartre, que antes da guerra nunca se mostrou especialmente interessado nem pela guerra de Espanha, nem pela ascensão ameaçadora de Hitler, nem pela capitulação de Munique, teve durante a ocupação alemã - que viveu em Paris - uma resistência um tanto teórico-literária, mais do que discreta. "Não fui um traidor nem um herói" - diria mais tarde dele próprio.

Pelo contrário, depois da guerra teve uma intervenção permanente em todas as frentes: crítico veemente do comunismo, primeiro, na fase de "L'engrenage" e de "Les mains Salles"; foi depois, "compagnon de route" dos comunistas. A célebre ruptura com Albert Camus radica, precisamente, aí. Simpatizante de Fidel e de Che, numa primeira fase, da "revolução cubana", depois, desiludido, foi um crítico impiedoso. Entusiástico dos "acontecimentos de Maio de 68", que viveu com paixão, nas "barricadas" da Sorbonne, entrou em disputa com Daniel Cohen Bendit. No final da vida, tornou-se animador dos grupúsculos extremistas que enxameavam Paris nos anos setenta. Foi então que alguém propôs uma medida coercitiva contra Sartre, ao que De Gaulle respondeu: "não se prende Voltaire!"...

Vim a conhecer pessoalmente Sartre e Simone, depois da "Revolução dos Cravos" quando me visitaram em Lisboa, no ministério dos Negócios Estrangeiros, salvo erro, imediatamente

após o 11 de Março. A visita que me fizeram, lembro-me bem, foi de pura forma, para que não se

dissesse que não ouviam uma das partes em confronto. Porém, a sua posição estava tomada. Eram entusiastas do MFA, que viam como um autêntico movimento revolucionário de libertação, considerando-se próximos dos extremistas portugueses que os passearam por Lisboa e lhes mostraram o folclore revolucionário de então, tolerando a custo o PCP, que sabiam pro-soviético e que, no entanto - ironia da história - era a única estrutura seriamente articulada (e perigosa) do tempo. Confesso não guardar boa recordação dessa conversa, dado que os meus interlocutores, que eu tanto admirava intelectualmente, me pareceram nada entender do que se jogava no chamado "processo revolucionário em curso". Sartre pareceu-me mesmo, para falar com franqueza, nessa última vez que o vi, um pouco diminuído.

Os franceses sabem honrar - e tirar partido - dos seus escritores. Como ninguém. O centenário de Sartre está a ser celebrado com um exame exaustivo e isento da sua acção, personalidade e obra. Entre muitas outras publicações, a Biblioteca Nacional de França, dirigida por Jean-Noel Jeanneney, que há poucos meses veio fazer uma conferência a Portugal, a convite da Fundação Mário Soares, dedicou-lhe um livro enorme - um "pavé", como se diz em França - extremamente bem elaborado, com inúmeros documentos originais e com uma ilustração iconográfica excelente. O "Magazine Littéraire" dedicou-lhe todo um número em que chama a Sartre "a consciência do seu tempo". A sua biógrafa bem conhecida, Annie Cohen-Solal, dedicou-lhe dois livros-síntese: um, na Gallimard, em que chama a Sartre "um pensador para o século XXI" e, outro, mais didáctico, na "Que sais-je?". E, para só dar mais um exemplo, Bernard-Henry Lévy, o escritor-filósofo, que foi, em jovem, secretário de Sartre, escreveu que - cito - "É preciso reler Sartre. Todo! Porque Sartre é o homem-século". Do

Sec. XX, entenda-se, com todas as suas contradições e ilusões nefastas...

Lisboa, 26 de Abril de 2005